

## O ESTADISTA

19.1-66

RUBEM BRAGA

EM cada capital da Europa que chega o sr. ministro da Guerra faz uma declaração mais sutil. Não, não é candidato; sim, aceitará ser candidato; aliás sua candidatura só passará a existir depois de ser lançada, embora seja um fato que ele já a admitiu.

O resumo da ópera é que jamais houve um candidato tão candidato a ser candidato; autocandidato vitorioso a ministro da Guerra, ele se sente o candidato natural à presidência. Ouvi-o falar à televisão brasileira em Londres; referindo-se ao Exército disse — "o meu Exército" — e logo, com um ar bonachão, acrescentou, ou emendou — "o nosso Exército". O repórter da televisão não teve a idéia de lhe dizer: "muito obrigado pela parte que me toca".

"L'Armée, c'est moi!" é, na verdade, uma fórmula nova e tentadora, que facilmente conduz à outra, velha de trezentos anos, "l'Etat, c'est moi!" Nesse andar daqui a uns 130 anos teremos a nossa Revolução Francesa.

Não seria má idéia; conviria, entretanto, investigar se não há um caminho mais curto para voltar à normalidade democrática. Todos conhecemos o passado de lutas democráticas do general Costa e Silva e reconhecemos suas altas qualidades de estadista, sua inteligência, sua cultura e seu perfeito domínio dos grandes problemas nacionais; e se não conhecemos nem reconhecemos, o azar é nosso.

Sua pinta de estadista já desponta na decisão de comprar, em Londres, copioso armamento para nosso — perdão! — para seu Exército; nada mais indicado no momento para equipar a economia brasileira e fortalecer nossa democracia.

Nossa? Acho que estou mesmo abusando desse possessivo um tanto vago e muito confiado. O melhor é parar por aqui.